

Com esse objetivo, criamos as diferentes seções que surgem a partir deste número.

Além dos artigos originais, que expressam diferentes correntes de pensamento e que já eram normalmente publicados, introduzimos uma seção de NOTAS, aberta aos autores que se proponham a divulgar suas idéias — questões metodológicas, resultados de pesquisa ou pesquisas em andamento —, submetê-las à crítica e debater os trabalhos de seus colegas.

As seções RESENHAS e NOTÍCIAS colocarão os leitores desta publicação em contato com idéias e fatos que mostram a dinâmica das ciências humanas em geral e da Geografia, em particular.

Com relação à apresentação gráfica, devemos agradecer ao arquiteto Lauro Kawazoe que, além da proposição e arte final da capa, nos fez também sugestões sobre a diagramação que, embora aceitas, não puderam ser totalmente colocadas em prática, devido a limitações de ordem técnica.

O presente volume do Boletim Paulista de Geografia pretende somar-se aos anteriores no serviço que estes prestaram à Geografia. Apresenta-se, entretanto, com algumas mudanças (na aparência e na essência) em função das exigências de uma nova conjuntura.

Muitos acharão audaciosos nossos objetivos.

Nós também achamos e apenas nossa crença na colaboração dos agebeanos nos fez persistir. Para nós, diretoria e comissão redatorial, está bem claro que sem colaboração esses objetivos não serão atingidos.

Por isso, ao apresentarmos mais este número do Boletim, pedimos a colaboração dos agebeanos ao mesmo tempo em que submetemos nosso trabalho ao debate e à crítica.

Myrna T. Rego Viana

NOTAS SOBRE OS FRIGORÍFICOS DO BRASIL CENTRAL PECUÁRIO (*)

ARMEN MAMIGONIAN (1)

O rebanho bovino brasileiro, um dos maiores do mundo, totalizou, em 1970, pouco mais de 78 milhões de cabeças, enquanto a produção de carne foi modesta, da ordem de 1.842,2 mil ton., em decorrência do baixo desfrute da pecuária (13% aproximadamente).

Deixando de lado as pequenas áreas pecuárias e seus mercados associados, podemos dizer que existem no Brasil três grandes unidades geo-econômicas ligadas ao ciclo pecuária-abate-mercado-consumidor: o Nordeste (do Maranhão à Bahia), o Brasil central pecuário (Sudeste e Centro-oeste) e o extremo sul (R. G. do Sul) que assim se apresentaram em 1970:

	população (milhões)	rebanho bovino (milhões)	peso das carcaças (mil ton.)
Nordeste	28,7 (30,3)	13,7 (17,5)	309,8 (16,8)
Brasil-Central	45,5 (48,2)	43,9 (56,1)	1105,0 (59,9)
R. G. do Sul	6,8 (7,2)	12,3 (15,7)	232,9 (12,6)
BRASIL	94,5 (100,0)	78,3 (100,0)	1845,2 (100,0)

As duas metrópoles nacionais, São Paulo e Guanabara, constituem os grandes mercados consumidores e os pólos organizadores do Brasil central pecuário. Nesta vasta área, a pecuária leiteira localiza-se nas proximidades das metrópoles citadas (vale do Paraíba e sul de Minas); as áreas de criação de gado, inversamente, estendem-se na periferia mais distante (M. Grosso, Goiás, partes de Minas), enquanto as porções intermediárias engordam os bovinos antes do abate,

(*) Esta comunicação, apresentada à reunião da A.G.B. de Belém do Pará — 1974, resume idéias preliminares surgidas da pesquisa "Frigoríficos do oeste de São Paulo, norte do Paraná e sul de Mato Grosso", realizada por Carmen T. Nakahashi, M. Gimenez Benites (bolsistas da Fapesp) e outros alunos da F.F.C.L. de Presidente Prudente.

(1) Prof. da F.F.C.L. de Presidente Prudente.

num modelo espacial que lembra a teoria de Von Thünen sobre a influência da distância do mercado em relação ao uso da terra.

Dentro deste conjunto geográfico, os frigoríficos aparecem em dois grandes tipos de localização: 1) junto às metrópoles nacionais, particularmente São Paulo (Swift, Comabra, Itapevi, etc); 2) dentro das diversas áreas de engorda de bovinos, que podem ser agrupadas em três sub-regiões: a) oeste de São Paulo, Sul de M. Grosso e norte do Paraná, b) sul de Goiás, Triângulo mineiro e Barretos, c) norte-nordeste de M. Gerais e E. Santo, sendo que a primeira sub-região abastece, sobretudo, São Paulo e a terceira abastece, sobretudo, a Guanabara.

Estes dois tipos de localização correspondem a duas etapas distintas de implantações: entre 1913 e 1925, surgiram os primeiros estabelecimentos, junto a São Paulo e Rio de Janeiro, controlados por grandes empresas estrangeiras, que dominaram o mercado por várias décadas. Recentemente (1950-60), empresários nacionais, frequentemente modestos no início, implantaram abates nas áreas de invernadas, suplantando as grandes empresas estrangeiras.

GÊNESE DOS FRIGORÍFICOS NO BRASIL CENTRAL

Até os fins do século passado, o Brasil central contava com mercados urbanos muito reduzidos. São Paulo tinha apenas 65 mil habitantes em 1890 e somente o Rio de Janeiro destacava-se com 520 mil habitantes, podendo abater em seus precários matadouros entre 110 e 120 mil bovinos por ano, para seu abastecimento. Parte considerável dos abates da região destinava-se ao consumo das pequenas cidades e zonas rurais especializadas e também se realizava nas charqueadas localizadas em M. Grosso, Goiás e M. Gerais, que remetiam suas produções ao mercado nordestino.

A presença de um único mercado urbano de proporções modestas (R. Janeiro) condicionava a existência de uma única área de engorda associada, que se ligavam por estrada de ferro: o sul de Minas. Esta área, aliás, não chegava a ser especializada, pois, além de receber gado magro de M. Grosso, Goiás e partes de M. Gerais para suas invernadas, também criava seu próprio gado e ainda possuía pecuária leiteira. St. Hilaire, que percorreu M. Gerais no início do século XIX, constatou a complementação geográfica existente entre as áreas de criação (tropicais secas) e o sul de Minas invernista, condicionada pelas condições climáticas e pelas grandes distâncias percorridas a pé pelo gado.

O crescimento do mercado consumidor, representado pela expansão urbana do Rio de Janeiro e de São Paulo, estimulou a aberra-

tura, aos fins do século XIX, de nova zona de engorda, em áreas de mata do norte de São Paulo (Barretos), por iniciativa dos invernistas mineiros. Esta foi a primeira área exclusivamente de invernadas do Brasil central, não se dedicando à criação e recebendo todo o gado magro do Triângulo mineiro, Goiás e M. Grosso. Assim sendo, às vésperas da implantação dos primeiros frigoríficos (1910), estas duas áreas de invernadas engordavam conjuntamente 300 mil cabeças por ano, sendo que o Sul de Minas alcançou seu auge durante a primeira guerra mundial (300 a 350 mil bovinos anuais), tendo sido suplantado, em seguida, pela área de Barretos, cujo máximo foi conseguido na segunda Guerra Mundial (500 e 550 mil cabeças anuais).

O primeiro frigorífico brasileiro começou a funcionar em 1913, em Barretos, visando o abastecimento do crescente mercado paulista, até então atendido por precários matadouros. A iniciativa foi de A. Silva Prado, grande cafeicultor, industrial (Cia. Vidraria Sta. Marina-1895) e grande acionista da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, que atravessava importantes zonas de café e alcançava as invernadas do norte de São Paulo. Durante a 1ª Guerra Mundial, surgiram outras duas iniciativas nacionais: em Santos, pelo empresário local de engenharia R. Simonsen e em Barbacena, sul de Minas, por empresários locais, em ambos os casos aproveitando a conjuntura favorável do mercado externo de carnes.

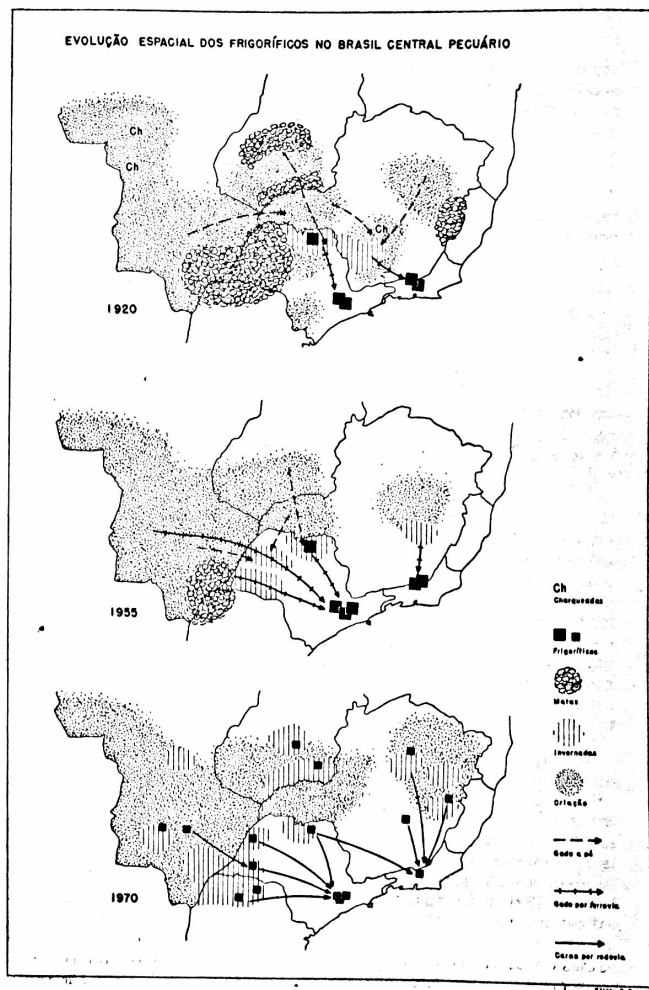
Nos fins do século XIX, companhias européias e americanas haviam-se estabelecido na Argentina com o objetivo de exportar carnes. A conflagração mundial de 1914-18 foi a ocasião propícia para investirem no Brasil, pois não só a Europa aumentava suas importações, como o governo brasileiro estimulava os investimentos, visando aumentar exportações, para compensar a queda do comércio de café. Dos seis estabelecimentos estrangeiros que começaram a funcionar até 1920, quatro foram montados no R. Grande do Sul, por iniciativa das três gigantes firmas norte-americanas: Swift, Armour e Wilson. Neste período, surgiram dois frigoríficos estrangeiros no Brasil central: um em São Paulo (Continental Products) e outro nas proximidades da Guanabara (Brazilian Meat-Anglo). Em 1923, começou a funcionar em São Paulo o frigorífico Armour e posteriormente Wilson e Swift também procuraram São Paulo, adquirindo o Continental Products (1927) e um pequeno frigorífico nacional (1933), respectivamente.

No Brasil central, tanto os frigoríficos nacionais como os estrangeiros inicialmente abatiam vários tipos de animais (bovinos, suínos, ovinos, etc.) e produziam grande variedade de produtos: carnes verdes, resfriadas e congeladas, carnes industrializadas (conservadas e enlatadas), charque, banha, etc., sendo que os estrangeiros tinham

exclusividade dos enlatados. Mas se diferenciavam quanto às dimensões dos estabelecimentos e quanto à localização. Dos frigoríficos nacionais, dois surgiram em áreas de invernadas e outro num porto, mas nos três casos os empresários tinham outros negócios nesses locais. Os frigoríficos estrangeiros no Brasil central localizavam-se junto às grandes metrópoles nacionais, em particular, São Paulo. Nasceram como implantações gigantescas, seguindo o modelo nascido em Chicago e aplicado em Buenos Aires e outros lugares. Enquanto a capacidade de abate máxima dos frigoríficos nacionais alcançava 700 bovinos por dia (Barretos), ligada à localização adotada e ao capital mobilizado, o Armour começou com capacidade de abate de 2.000 bovinos e 3.000 suínos por dia. Além de escolherem as proximidades dos grandes mercados urbanos e portos exportadores, estavam também não muito distantes (300 quilômetros) das duas grandes áreas de engorda da região, às quais se ligavam por estradas de ferro, e de outras áreas potenciais de engorda (Alta Sorocabana, Alta Araraquarense, Noroeste), onde compravam na década de 1920-30 terras em matas para futuras invernadas.

O domínio exercido pelas grandes empresas estrangeiras no comércio internacional de carnes bovinas e as crises deste comércio (1920-21, 1925-26, 1930-31) provocaram a desnacionalização desta atividade. O Anglo adquiriu os frigoríficos de Barretos (1923) e de Santos (1931), enquanto o de Barbacena acabou fechando. O Anglo ficou também com os 65.000 hectares de terras que o frigorífico de Barretos possuía na Alta Araraquarense e ampliou suas terras e seus rebanhos durante as décadas de 1920 e 1930, seguido pelo Armour, Wilson e Swift. Os frigoríficos estrangeiros controlavam, em 1940, no Brasil central e, especialmente, em São Paulo, cerca de 420.000 hectares, entre terras próprias e arrendadas, dispondo assim de gado próprio na proporção de 35 a 40% do abate que realizavam e influenciando na determinação do seu preço.

Como o mercado externo não lhes era suficiente e o mercado interno expandia-se rapidamente, voltaram-se ao seu abastecimento, concorrendo com os precários matadouros da Guanabara, São Paulo e outras cidades. O crescimento dos mercados urbanos internos (Guanabara 2,4 e São Paulo 2,2 milhões de habitantes, em 1950) e as contínuas exportações de carne, desde a 1ª Guerra Mundial, provocaram grande crescimento da pecuária de engorda, ampliaram seu espaço geográfico, distanciaram e dispersaram as zonas de engorda. Nas décadas de 1940 e 50, foram transformadas em pastagens extensas áreas de matas do oeste de São Paulo (Alta Sorocabana, Alta Araraquarense e Noroeste), que passaram a engordar gado magro de Mato Grosso e Goiás e a despachá-lo por estradas de ferro aos frigoríficos estrangeiros de São Paulo e Barretos. As pastagens ocupavam 34% do território



paulista, em 1940, e alcançavam 51%, em 1960. Neste mesmo período, áreas de matas do Norte-nordeste de M. Gerais (Montes Claros, Teófilo Otoni e Governador Valadares) também foram transformadas em pastagens, engordando gado magro da própria região e remetendo-o por estradas de ferro à Guanabara e ao Estado do Rio de Janeiro. Apesar das distâncias crescentes em relação às novas áreas de engorda (600 quilômetros), os frigoríficos e matadouros continuaram nas suas localizações de 1920, mantendo o domínio dos mercados consumidores e das compras de gado gordo até 1955-60, quando a situação começou a se modificar.

TENDÊNCIAS RECENTES DA ATIVIDADE DE FRIGORIFICAÇÃO

A primeira reação ao domínio dos frigoríficos estrangeiros partiu dos invernistas do Estado de São Paulo, que organizaram, em 1941, em Barretos, o 1º Congresso Pecuário do Brasil Central e conseguiram do governo federal decretos de lei, impedindo a ampliação do rebanho bovino daqueles frigoríficos. Mas, somente em 1951, durante o governo Getúlio Vargas, foram tomadas várias medidas — empréstimos bancários, isenções de taxas, etc. — apoiando a implantação de novos frigoríficos no interior do Brasil-central. Este estímulo foi respondido prontamente pelos invernistas de São Paulo e Mato Grosso, que passaram a montar, na década de 1950, vários frigoríficos nas suas áreas de engorda: Andradina (Moura Andrade), Araçatuba (T. Maia), Barretos (Antenor Duarte), Campo Grande (Coeelho), etc. Igualmente, o governo de M. Gerais, na mesma época, considerando negativa a saída anual do seu território de 300 a 400 mil cabeças bovinas, organizou plano de instalação de quatro frigoríficos regionais, em Belo Horizonte, Montes Claros, Teófilo Otoni e sul de Minas, mobilizou os invernistas regionais e financiou a construção dos três primeiros citados.

A reação mais importante ao domínio dos grandes frigoríficos estrangeiros acabou partindo dos pequenos açougueiros nacionais de origem imigrante, que tendo pequenos matadouros ou açougues em São Paulo, na Guanabara ou mesmo no interior, tratavam de aproveitar a conjuntura política favorável e passaram a implantar frigoríficos, principalmente nas áreas de engorda: Bordon (P. Prudente), Fialdini (São Carlos), Zancopé (Jundiá), Cabral (Assis), Sola (Três Rios e Uberaba), Tafner (Patrocínio), Scalhão (Barretos), Baggio (Paranaíba), Fresnel (Pres. Venceslau), etc. Apesar de disporem de pequenos capitais iniciais e portanto de pequenos frigoríficos, os antigos açougueiros de origem imigrante acabaram crescendo mais rapidamente que os invernistas proprietários de frigoríficos, pois tinham uma

vantagem fundamental: enquanto estes entendiam de gado, eles conheciam em profundidade o mercado consumidor, fundamental nos negócios de carnes.

Tanto invernistas como ex-açougueiros deram preferência à localização de seus frigoríficos nas zonas de invernadas, o que exigia investimentos: câmaras frigoríficas, em São Paulo e/ou Guanabara, vagões e, mais tarde, caminhões frigoríficos para o transporte à grande distância. A medida que foram sendo abertas, a partir de 1955-60, novas invernadas no sul de Mato Grosso, norte do Paraná e sul de Goiás, distantes 800 quilômetros da metrópole paulistana, os frigoríficos das zonas de engorda ofereciam vantagens maiores que os localizados em São Paulo e na Guanabara: 1) enorme redução de custo do frete do boi, 2) menor perda de peso dos animais, 3) redução do tempo entre compra de gado e abate e venda da carne, 4) salários mais baixos.

Além disto, os frigoríficos estrangeiros perderam as vantagens que tinham. Monopolizando anteriormente o mercado, não modernizaram suas instalações de abate e industrialização, aumentaram suas remessas de lucros para o exterior, em vista da pressão nacionalista do período 1950-64, e passaram a trabalhar com capital de giro, obtido de empréstimos bancários. Assim sendo, os frigoríficos estrangeiros da cidade de São Paulo e de Barretos, que haviam abatido 705 mil bovinos, em 1955, reduziram seus abates, em 1963, a 456 mil, isto é, 35% menos. Os grupos estrangeiros, com exceção do Anglo, entraram em crise e seus frigoríficos foram vendidos: o Armour, para o grupo Bordon (1964), o Wilson, para o grupo argentino Sinossain-Comabra (1970) e o Swift, para o grupo Azevedo Antunes, ligado à mineração (1972). Note-se que o setor de carnes é um caso à parte, pois, desde 1955, está ocorrendo intensa desnacionalização da indústria brasileira.

Associado ao crescimento dos empresários nacionais do setor de carnes bovinas, vai emergindo, nos últimos anos, um novo esquema de localização, dimensões e especialização dos frigoríficos, no Brasil central. No lugar da concentração de gigantesco frigoríficos e matadouros nas proximidades de São Paulo e Guanabara, vigente de 1920 até 1955, tem havido forte dispersão geográfica dos frigoríficos, acompanhando a dispersão das zonas de engorda. Na medida em que eles se instalaram nas diversas áreas de engorda, passaram a contar com a vantagem de poder coletar gado gordo a curtas distâncias (100 quilômetros), diminuindo os custos de frete, mas tiveram que diminuir de tamanho, restringindo suas capacidades de abate para 400 a 500 cabeças por dia, considerada a dimensão ótima, atualmente. Por outro, os frigoríficos e matadouros de São Paulo e da Guanabara que não desapareceram, procuraram se adaptar à nova situação se especializando: diminuíram os abates, adquiriram carcaças dos frigoríficos do interior

e aumentaram suas atividades de industrialização (conservas e enlatados). O melhor exemplo do novo esquema é o do Grupo Bordon, que abatia em Presidente Prudente (1960) e adquiriu frigoríficos em outras áreas de invernadas: Campo Grande (MT), 1963; Anápolis (GO), 1968; Teófilo Otoni (MG), 1971, relacionados a mercados específicos (T. Otoni ao Rio de Janeiro, p. ex.). Em 1964, adquiriu o Armour da cidade de São Paulo, onde cessou o abate, mantendo apenas a industrialização. Recentemente (1973), adquiriu dois frigoríficos no Rio Grande do Sul, visando aproveitar as quotas de exportação.

A gigantesca produção atual do Brasil-central (5,8 milhões de bovinos abatidos, em 1970) e os maiores lucros de alguns produtos vão conduzindo ao aprofundamento da especialização. Os frigoríficos mais modernos abatem exclusivamente bovinos, abandonando suínos e outros animais, dedicam-se à produção e comercialização de carnes resfriadas e congeladas, abandonando a produção de charques, banha, etc., menos rentáveis. Surgem estabelecimentos especializados na industrialização de carnes em conserva ou no comércio de tripárias, etc.

O processo, acima descrito, de dispersão espacial dos frigoríficos junto às áreas de engorda, redução de suas dimensões e crescente especialização, vem ocorrendo, há mais tempo, nos Estados Unidos e na Argentina, onde Chicago e Buenos Aires deixaram de concentrar geograficamente a atividade de frigorificação, desapareceram os estabelecimentos gigantes e diversificados e entraram em decadência os grupos tradicionais do setor: Swift, Armour e Wilson.

COMÉRCIO INTERNACIONAL E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DE AÇÚCAR NO BRASIL

MANUEL CORREIA DE ANDRADE (*)

I

A posição do Brasil no mercado internacional de açúcar. Açúcar de cana e açúcar de beterraba.

1. O açúcar é um dos produtos agro-industriais de maior importância no comércio internacional, ao lado do café, do cacau e do trigo, ao contrário do que ocorre com a mandioca, o feijão e o milho, cuja produção é sempre destinada ao mercado interno. Na verdade, existem produtos agrícolas cujas culturas cobrem milhares de hectares, mas cuja produção ou é comercializada e consumida na própria área de produção ou se destina ao consumo do próprio produtor, como acontece no Brasil com a mandioca e com o feijão em que nos colocamos como o maior produtor mundial, mas que não têm expressão em nossa balança comercial. É que a cultura desses produtos é feita geralmente por pequenos proprietários para o autoconsumo ou para comercialização na própria área de produção. Outros produtos, ao contrário, tiveram a sua cultura desenvolvida inicialmente pelos colonizadores e posteriormente pelos próprios habitantes do país, com a finalidade de atender à demanda do mercado internacional e por isto mesmo a sua expansão geográfica tem sido financiada por capitais estrangeiros muitas vezes interessados na comercialização da produção. Dentre esses produtos podemos salientar a cana-de-açúcar, cuja cultura foi iniciada no século XVI; a do algodoeiro cuja expansão se procedeu no século XVIII com a chamada Revolução Industrial; a do fumo, também nesse século, em função da importação de escravos africanos, de vez que era o tabaco usado como moeda para aquisição de negros na costa africana e, mais recentemente, da agave e da soja, cuja área cultivada era, em 1972, superior à cultivada com produtos tradicionais como a cana-de-açúcar. Já os produtos culti-

(*) Prof. da Universidade Federal de Pernambuco.